

## Do outro lado da fronteira: a crise Argentina de 2001 e a fundação do grupo brasileiro Construção ao Socialismo (CAS)

Tiago João José Alves<sup>1</sup>  
[tiagojjalves@gmail.com](mailto:tiagojjalves@gmail.com)

**Resumo:** Em 2001, a Argentina viveu uma profunda crise que teve como desfecho uma insurreição popular, conhecida como *Argentinazo*. As notícias que chegaram ao Brasil mexeram com alguns ativistas do movimento estudantil da Universidade Estadual de Maringá (UEM), pois eles também viviam um processo de mobilização. Por meio de um “intercâmbio militante” alguns desses ativistas consolidaram uma conexão transnacional com militantes argentinos da organização trotskista Convergencia Socialista (CS). Essa ligação deu origem ao grupo político Construção ao Socialismo (CAS), estabelecendo assim vínculos para além das fronteiras nacionais. Os militantes do CAS atuaram especialmente no Estado do Paraná, sendo influenciados diretamente pela CS. O CAS tinha como principal objetivo a construção de um partido revolucionário no Brasil e a reconstrução da IV Internacional. Neste ensaio pretendo analisar os impactos do *Argentinazo* na fundação do CAS a partir dos primeiros contatos estabelecidos entre brasileiros e argentinos, tais laços proporcionaram a criação de uma rede política transnacional.

**Palavras-chave:** Insurreição; Trotskismo; Argentinazo;

### Across the border: Argentina's 2001 crisis and the foundation of the group Construction Toward Socialism

**Abstract:** In 2001, Argentina experienced a deep crisis that had as outcome a popular uprising known as *Argentinazo*. The news that arrived in Brazil messed with some people from the student activist movement of Maringá State University (UEM), because they also lived a mobilization process. Through an "militant exchange" some of these activists consolidated a transnational connection with militants of the Argentine Trotskyist organization Socialist Convergence (CS). This connection gave rise to the political group Construction Toward Socialism (CAS), thus establishing ties across national borders. CAS militants acted especially in the state of Paraná, being directly influenced by the Socialist Convergence (CS). CAS had as its main objective the construction of a revolutionary party in Brazil and the reconstruction of the Fourth International. This essay intends to analyze the impacts of the *Argentinazo* in the foundation of CAS from the first contacts established between Brazilians and Argentines, such ties led to the creation of a transnational policy network.

**Keywords:** Insurrection; Trotskyism; Argentinazo;

### Introdução

Em 2001, a Argentina foi palco de uma crise, acompanhada de uma das maiores revoltas do alvorecer do século XXI na América Latina. Os impactos políticos e econômicos

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá, Doutorando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Bolsista da CAPES

vivididos na Argentina foram espalhados para o conjunto do subcontinente latino-americano. A insurreição de dezembro de 2001, conhecida como *Argentinazo*, contagiou ativistas de toda a América Latina, incluindo jovens que militavam no movimento estudantil da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Um desses jovens, Marcos Camargo<sup>2</sup>, decidiu viajar até a Argentina para colaborar com os protestos e experimentar o calor da luta de classes. De seu “intercâmbio militante”, nasceu uma conexão entre alguns jovens brasileiros e a Convergencia Socialista (CS), organização trotskista argentina. Com o desenrolar das relações, a CS fomentou o processo de fundação do grupo Construção ao Socialismo (CAS).

Os laços entre as duas organizações foram selados em torno de um objetivo: colaborar com a reconstrução da IV Internacional<sup>3</sup> por meio de uma nova corrente, a Convergencia Internacional. Nacionalmente, assumiram a tarefa de ajudar na construção de um partido revolucionário brasileiro.

De um grupo embrionariamente estudantil, o CAS atuou política/ideológica em setores trabalhadores da iniciativa privada e de servidores públicos. Nos cinco anos de existência, seus militantes chegaram a participar da direção do Sindicato dos Servidores Municipais de Maringá (SISMMAR), de Centros Acadêmicos e do Diretório Central dos Estudantes da UEM. Participaram de greves, manifestações, ocupações de reitorias, atos e campanhas no Paraná e no Brasil<sup>4</sup>. A partir de análises sobre a conjuntura nacional e internacional do período elaboraram análises sobre temas políticos nacionais e internacionais<sup>5</sup>.

Desde a sua fundação, os próprios militantes reconheciam que o CAS não era o partido revolucionário do Brasil, mesmo que alcançasse grandes números de crescimento

---

<sup>2</sup> No período, ele era estudante de psicologia e professor de espanhol.

<sup>3</sup> Na década de 1930, Trotsky e seus aliados criaram a Oposição de Esquerda Internacional, uma frente que pretendia apontar as diferenças com o projeto de socialismo defendido por Stálin. O stalinismo havia assumido a teoria de construção do “socialismo em um só país”. Essa teoria causou rumor, pois, de acordo com anti-stalinistas, feria um dos princípios do marxismo e do leninismo – a construção do socialismo em nível internacional. Outra leitura que eles faziam era a de que o Estado estava se burocratizando nas mãos de Stálin. Depois de expulsões e perseguições, Trotsky e seus aliados avaliaram que a III Internacional e o Estado soviético, sob a direção de Stálin, havia sucumbido à degeneração, fechando seu ciclo de luta pela emancipação dos trabalhadores. Com a leitura de que a III Internacional chegara a falência, decidiram fundar uma nova Internacional. A IV Internacional foi fundada em 1938, na França.

<sup>4</sup> Desde a sua fundação, o CAS adotou uma cultura política que se baseou no envio de seus militantes às lutas que ocorriam no país.

<sup>5</sup> Os exames e elaborações versaram sobre a Guerra no Iraque, a ascensão de líderes na América Latina que possuíam origens nas esquerdas (Lula, Chávez, Evo Morales), governo Bush, revoltas na América Latina, entre outros assuntos.

---

linear. Acreditavam que o núcleo era apenas um embrião em prol desse projeto mais estratégico<sup>6</sup>.

O presente texto acredita que as esquerdas não são homogêneas, elas são plurais, também não existe uma só tradição de esquerda, são múltiplas<sup>7</sup>. Porém, como discutiu Antonio Ozaí, o conceito de esquerda não pode ser visto de forma congelada e inflexível, cada corrente política realiza sua interação com a realidade, moldando seus contornos ideológicos e políticos<sup>8</sup>.

Quanto às suas “árvores genealógicas,” as esquerdas possuem muitas variáveis. Um grupo pode ter origem numa mesma tradição, sem que isso possa garantir uma linha de continuidade. Na cronologia de um partido, podem ocorrer divergências, conseqüentemente, rupturas. Só reconhecendo essa dinâmica é possível ter uma concepção mais ampliada sobre a história das esquerdas. Ser de esquerda significa ter uma atitude de resistência e de rebeldia frente ao mundo capitalista. Passa pelo enfrentamento da alienação e da perda de subjetividade que ocorre com o indivíduo e com a comunidade humana, pois no capitalismo, o sujeito real e efetivo tende a ser o capital (ECHEVERRÍA, 2006: 263). O CAS é parte da história das esquerdas por se adequar a essas condições.

Esse trabalho sustenta a ideia de que o estudo das esquerdas continua sendo um exercício necessário. Alguns pesquisadores desvalorizam essa abordagem, em contraposição, acredito que os partidos e os movimentos sociais fazem parte da história de um país e de um povo, por isso é importante estudá-los. Por isso reconheço na Nova História Política um veículo importante para a compreensão da história, pois as massas, o povo, as multidões, também fazem parte do processo histórico, é uma faceta concreta da sociedade<sup>9</sup>.

As organizações de esquerda ajudam a aprofundar a noção de direitos, realizam análises sobre a realidade, apresentando alternativas de poder. Por sua vez, a rede de extensão dessas organizações pode atingir múltiplos atores sociais e diversas esferas da sociedade.

Durante seus cinco anos de existência, o CAS pôde expressar a sua visão de mundo e contribuir com a edificação de seu capítulo na história das esquerdas do Brasil. Seus militantes forneceram finanças, tempo, esforços e desejos em prol da causa socialista,

---

<sup>6</sup> Declaração de princípios pela construção de um partido revolucionário dos trabalhadores (CAS)

<sup>7</sup> REIS FILHO, Daniel. As esquerdas no Brasil: culturas políticas e tradições. In: FORTES, Alexandre (Org.). *História e perspectivas da Esquerda*. São Paulo/Chapecó: Editora Fundação Perseu Abramo/Argos, 2005, p.173.

<sup>8</sup> ÓZAI DA SILVA, Antônio. Esboço para a história da esquerda no Brasil. *Espaço Plural*, ano x, nº20, p.155-164, 1º Semestre 2009.

<sup>9</sup> RÉMOND, 1996.

estavam convictos de que a causa revolucionária continuava a ser um horizonte possível.

Partindo dessas constatações e dessas justificativas para o tema, é possível delimitar o principal alvo desse trabalho. A saber, pretendo analisar a influência do *Argentinazo* na fundação do CAS, a partir da conexão estabelecida por um de seus fundadores com a organização CS, considerando esses laços um fenômeno transnacional, pois houve circulação política/ideológica entre fronteiras.

Para entender a consolidação desses laços entre o CAS e a CS, há como horizonte uma pesquisa realizada pelo historiador João Fábio Bertonha que usou a noção de transnacionalismo para explicar o caso da militância anarquista italiana que atravessou fronteiras. Segundo ele, desde o Século XIX os anarquistas almejavam construir uma rede que considerasse a realidade micro, local, macro e mundial. Para o autor, a sobrevivência da rede dependia do permanente contato de seus polos, fazendo com que os núcleos políticos, ainda que isolados, pudessem sobreviver por meio do debate e de múltiplas experiências<sup>10</sup>.

A abordagem usada por Bertonha proporciona um paralelo para entender o funcionamento da rede política consolidada entre CAS e CS. A circulação de argentinos no Brasil e de brasileiros na Argentina foi fundamental para que a relação política entre os dois grupos se fortalecesse e sobrevivesse. Foi comum, principalmente para os militantes do CAS, a realização de viagens para a Argentina que tinham como objetivo o processo de formação política e ideológica. Igualmente, argentinos da CS vieram ao Brasil para ajudar no processo de maturação política do CAS.

Espero que essa breve exposição tenha esclarecido os motivos que fomentaram minha investigação. O texto a seguir é apenas um passo nesse caminho.

### **Notas sobre o colapso na Argentina**

Com Carlos Menem<sup>11</sup> na presidência da República, ao governar em harmonia com os organismos financeiros internacionais, especialmente o FMI, a Argentina conheceu os traços do neoliberalismo. Menem abandonou as rédeas do setor financeiro e não elaborou nenhuma política monetária. No campo da economia adotou duras reformas de mercado, privatizou o patrimônio público e supervalorizou o peso<sup>12</sup>. Em nome da *Ley de*

---

<sup>10</sup> BERTONHA, 2012, p. 279.

<sup>11</sup> Menem governou a Argentina pelo Partido Justicialista (PJ), de 8 de julho de 1989 a 10 de dezembro de 1999.

<sup>12</sup> RAPOPORT, 2005: 158.

*Convertibilidad*,<sup>13</sup> o Estado procurou fixar valor igual do peso em relação ao dólar (um por um). Por meio da âncora cambial, para cada peso em circulação, o Banco Central precisava manter um dólar em reserva. Tudo parecia bem, o peso tinha sido valorizado, até que em 1997, a Lei entrou em esgotamento.

Com o intuito de prosseguir com o acordo, o Estado precisou de mais divisas financeiras. Para prover esse abastecimento, privatizou empresas estatais e cortou investimentos públicos. A saída encontrada foi refinanciamento da dívida externa com o FMI. Esse refinanciamento fez com que a dívida externa chegasse aos \$170 bilhões de dólares, o que endividou ainda mais a nação argentina.

Sem controle algum sobre a política monetária, e para agravar ainda mais essa condição, o país não conseguiu conter os impactos das crises internacionais. Especificadamente, a crise no Brasil (desvalorização do Real), na Ásia e na Rússia, no fim dos anos de 1990.

No fim de seu mandato, o governo de Menem fechou seu ciclo com diversos escândalos de corrupção, abuso de poder e aprofundamento da dívida externa e da pobreza.

Nas eleições de 1999, Fernando de la Rúa foi eleito presidente da República pela Alianza, uma frente formada entre a Unión Cívica Radical (UCR) e a Frepaso (El Frente País Solidario)<sup>14</sup>. Os argentinos esperavam que com essa alternância de poder, a situação pudesse ser revertida e a Argentina voltasse a ter estabilidade.

Contrariando a expectativa de mudança, o governo Fernando de la Rúa deu continuidade aos ajustes econômicos. Em seu mandato, a crise se instalou com toda voracidade. Os juros da dívida externa, verdadeiros fantasmas dos países da América Latina, aumentaram ainda mais o déficit na economia Argentina. Em outubro de 2001, o país chegou a pagar \$874,2 milhões de pesos, \$190 milhões a mais que a quantia paga em 2000<sup>15</sup>.

Com uma população de 36 milhões, o índice de desemprego atingiu cerca de 20% da população, mais de 40% vivia abaixo da linha de pobreza e 9 milhões de argentinos se encontravam na indigência. Constrangedoras contradições, afinal, apenas a produção agrícola do país poderia alimentar 300 milhões de pessoas.

---

<sup>13</sup> A Lei foi incentivada pelo então ministro da Economia, Domingo Cavallo, aprovada no Congresso em 1991. O Estado fez um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) que previa a conversibilidade.

<sup>14</sup> A Frepaso foi eleita com a proposta de promover um governo de centro-esquerda, o que acabou não ocorrendo. O vice da Frepaso foi Carlos “Cacho” Álvarez, representando a Frepaso. “Cacho” renunciou a vice-presidência em outubro de 2000.

<sup>15</sup> ANASTASIA; MELO; SANTOS, 2004: 125.

Três ministros da Economia tentaram amenizar a convulsão instalada. Domingo Cavallo, ironicamente, o mesmo criador da Ley de Convertibilidad, retornava ao cargo de outrora<sup>16</sup>. Em meados de novembro de 2001, o país assistiu a quebra de bancos, fuga de capitais (grandes investidores passaram a retirar os depósitos financeiros dos bancos) e forte recessão econômica. Cavallo foi a derradeira aposta de Fernando de la Rúa.

Para salvar o sistema bancário, no dia 1 de dezembro de 2001, Cavallo anunciou o *corralito*, uma medida que pretendia conter a fuga de depósitos bancários. O mecanismo para barrar essa fuga limitou a retirada de dinheiro dos bancos (pensões, poupanças, salários). O *corralito* afetou o conjunto da economia argentina, houve queda no consumo, o comércio e a economia informal foram atingidos. A classe média e a classe trabalhadora conheceram ainda mais a pauperização. Parte da população ficou desesperada, chegando ao insuportável: começou a ficar faminta.

A partir do dia 12 de dezembro, começaram as primeiras manifestações contra as medidas do governo. Ocorreram mobilizações operárias em algumas províncias e saques de alimentos em supermercados. Ao se aproximar do Natal e do Ano Novo, a recessão, o desemprego e a miséria ampliaram o tormento da população argentina, o ano tinha se tornado amargo, intragável. As festas de fim de ano não despertavam aquela ansiedade de comemoração, demarcavam uma sensação de aflição<sup>17</sup>.

O dia 19 de Dezembro de 2001 foi uma quarta-feira angustiante, incerta e surpreendente. Com a nação em colapso Fernando de la Rúa, anunciou publicamente que a Argentina estava em Estado de Sítio. Diante da crise nacional, o Presidente ordenou uma brutal repressão<sup>18</sup>.

O fatídico decreto proibiu o direito de reunião e de manifestação, e buscou jogar a classe média contra os “saqueadores” que estavam a realizar os protestos. Completamente em vão, a resposta da população foi imediata. A classe média não aceitou a provocação do presidente e somou-se aos estigmatizados pelo *establishment*.

Minutos depois do pronunciamento, se ouviram os primeiros ruídos vindos de algumas *cacerolas*. Aos poucos, outras panelas ajudaram a aumentar o barulho, até que o “panelaço” se tornou ensurdecedor. Espontaneamente, o povo saiu às ruas e se agrupou. Dessa vez, não para depositar um voto numa urna, mas, para protestar contra os descabros neoliberais. As pessoas vinham das casas, locais de trabalhos, restaurantes, escritórios, escolas, de toda a parte. Tinha iniciado ali, nas avenidas, esquinas e ruas de

---

<sup>16</sup> José Luis Machinea e Ricardo López Murphy foram os dois primeiros ministros.

<sup>17</sup> ANASTASIA; MELO; SANTOS, 2004: 128.

<sup>18</sup> Página 12, Buenos Aires, 21 de diciembre de 2001.

Buenos Aires, uma verdadeira reunião pública, aberta e espontânea. A revolta espontânea se transformou num verdadeiro *estallido*.

Quanto à escolha das panelas, provavelmente não foi mera casualidade. Talvez esses utensílios fossem os únicos, naqueles momentos de apreensão, incerteza e desespero, que representavam o medo do desemprego e do desamparo. Pior, alertavam sobre o risco de não ter o que por dentro delas. Sim, as panelas são muito simbólicas e representativas, são detentoras de tantos segredos e receitas, estão presentes nas grandes celebrações e “testemunham” de perto a cotidiana luta pela vida. Elas ganharam as ruas e se transformaram em instrumentos de protesto.

Os *cacerolazos* começaram a partir das 23h50m, no dia 19 de dezembro de 2001. Em seguida surgiram os gritos, as palavras de ordens, os fogos de artifícios, as marchas, as fogueiras, os cantos e muitos palavrões dirigidos aos políticos. A euforia e a indignação, até então contidas, foram extravasadas<sup>19</sup>.

Milhares de argentinos ganharam as calçadas, avenidas e ruas, a bravura ganhou forma, a “década infame” estava a receber uma resposta à altura. O ódio contra as instituições, e o repúdio ao regime, estavam latentes nas vias públicas. No mesmo dia, jovens, mulheres, aposentados, desempregados, trabalhadores, estudantes, profissionais liberais, se concentraram na *Plaza de Mayo*, ao redor da *Casa Rosada*. Nos bairros, em outras cidades e províncias, outros protestos foram realizados.

O ato atravessou a madrugada e continuou durante o dia 20. Para impedir que os manifestantes e ativistas ocupassem o coração do poder, o Estado ordenou uma verdadeira operação de guerra. Policiais, helicópteros, cavalaria, infantaria e tanques foram usados para a conservação do Estado de Sítio.

A *Plaza de Mayo*, espaço que os argentinos comemoram as vitórias, mas que igualmente derramam a raiva, vivenciou uma verdadeira batalha campal. Gás lacrimogêneo e balas de borracha (inclusive de chumbo) foram usados indiscriminadamente. Os manifestantes reagiam de várias maneiras: destruindo agências bancárias e redes multinacionais, como a Mcdonald's; saqueando supermercados e lojas de eletrodomésticos; bloqueando ruas e avenidas. O alvo dos saques e ataques eram os símbolos do poder dominante. Toda a repressão oficial, partida e coordenada pelo Estado, foi transmitida para milhões de telespectadores na Argentina e de outras partes do mundo.

Do centro do capitalismo internacional, George W. Bush, presidente dos EUA, juntamente com seus assessores, chegou a dizer que os cofres dos EUA e do FMI não

---

<sup>19</sup> *Folha de S. Paulo*. Edição Especial, 21 de Dezembro de 2001.

---

forneceriam ajuda aos argentinos. Enquanto que os diretores do FMI afirmaram que o Fundo não tinha nenhuma responsabilidade com os distúrbios ocorridos na Argentina<sup>20</sup>.

Os enfrentamentos físicos ocorriam com os manifestantes munidos de pedras, paus, pedaços de meio-fio, *molotovs*, rojões, na esteira dessas “batalhas” surgiram as primeiras mortes causadas pela polícia<sup>21</sup>. Houve muitos presos, incluindo casos de torturas, como atestou Eduardo de Pedro. O jovem disse que apanhou da Polícia Federal, foi torturado, sequestrado, ameaçado de morte e mantido preso ilegalmente<sup>22</sup>.

A espontânea onda de mobilização se transformou numa verdadeira insurreição popular, ganhando várias denominações – *El estallido*, *Argentinazo*, *Diciembre Trágico*. Nessa altura, para alívio da população, o odiado ministro da Economia já havia caído. Na sequência, quem renunciou foi o presidente da República, que fugiu da *Casa Rosada* num helicóptero.

Às pressas, o Congresso elegeu Adolfo Rodríguez Saá<sup>23</sup> para presidente interino. George Bush aproveitou a novidade e fez a seguinte advertência ao novo presidente: “Espero que el nuevo presidente adopte las medidas necesarias para proteger a los acreedores, incluyendo al FMI, el cual, según entiendo, está dispuesto a prestar más dinero, si se toman las medidas de austeridade<sup>24</sup>.” Dos EUA, um dos incentivadores da cartilha neoliberal, a Argentina não poderia esperar outro conselho, senão a austeridade.

No dia 28 de Dezembro, surge uma nova palavra de ordem: *Que Se Vayán Todos*. O povo não acreditava mais em quase nada. A Corte Suprema de Justiça, os partidos patronais, a burocracia sindical, os políticos, as instituições, tudo estava desacreditado e desmoralizado. Ao chegarem à *Casa Rosada*, uma nova repressão foi dirigida contra os manifestantes. Na sequência, todo o gabinete presidencial renunciou e, no dia 29, foi a vez de Rodríguez Saá. Em seu lugar, o Congresso elegeu Eduardo Duhalde, candidato que havia sido derrotado nas eleições presidenciais de 1999. Duhalde conduziu o país até a realização de novas eleições presidenciais.

### **Um brasileiro vai ao encontro do *Argentinazo***

---

<sup>20</sup> *Folha de S. Paulo*. Edição Especial, 21 de Dezembro de 2001.

<sup>21</sup> Fernando de la Rúa deixou a presidência com um saldo de vinte e seis mortes e centenas de feridos.

<sup>22</sup> *Página 12*, Buenos Aires, 23 de diciembre de 2001.

<sup>23</sup> Prometeu suspender o pagamento da dívida externa, criar um milhão de empregos e devolver o dinheiro dos correntistas (fato que nunca ocorreu).

<sup>24</sup> *Página 12*, Buenos Aires, 22 de diciembre de 2001.



Desde Maringá, alguns jovens ativistas, que coordenavam ou estavam próximos do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UEM, acompanhavam atentamente as notícias provenientes da Argentina. A gestão que coordenava o DCE se chamava “Afasta de Mim esse Cale-se” (2001/2002), composta por militantes do Partido dos Trabalhadores (PT), do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) e independentes. No movimento estudantil, esses jovens estavam comprometidos com diversas mobilizações nacionais, estaduais e municipais. No dia a dia, também organizavam e participavam das reivindicações mais específicas da universidade.

Esses ativistas atuaram na greve dos 6 meses<sup>25</sup>, ocorrida nas universidades estaduais, e na campanha contra a privatização da COPEL (Companhia Paranaense de Energia)<sup>26</sup>. Sem titubear foram duas das maiores mobilizações da história do Paraná, ambas ocorridas em 2001<sup>27</sup>.

No Estado, o principal inimigo político desse polo de mobilização era o então governador Jaime Lerner (PFL), político bem alinhado com as políticas neoliberais<sup>28</sup>. Nacionalmente, os anos de neoliberalismo estavam identificados no tucano Fernando Henrique Cardoso (PSDB)<sup>29</sup>.

O resultado dessas experiências foi marcante na vida de todos esses jovens. Eles haviam penetrado em históricas lutas. Mesmo experimentando lutas sindicais e políticas, projeções e análises internacionais faziam parte de seus horizontes. Após inúmeros protestos, intervenções em assembleias, panfletagens, passagens em salas de aula e reuniões nos blocos da UEM, muitos deles expandiram as aspirações. As ambições se tornaram maiores, mais ideológicas e internacionalistas.

---

<sup>25</sup> Na histórica greve dos 6 meses, os jovens participaram de atos estaduais, manifestações em Maringá e em Curitiba, assembleias, panfletagens, piquetes etc. O DCE da UEM apoiava o Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Ensino de Maringá (Sinteemar), presidido pela servidora Ana Stella Codato. A reitoria da UEM era a professora Neusa Altoé. É interessante observar que os estudantes foram os primeiros a declararem greve, seguidos pelos professores e servidores. Essa greve é considerada a maior da história do Brasil e uma das maiores do planeta. A pauta exigia reposição salarial, mais verbas e melhorias nas universidades públicas.

<sup>26</sup> A luta contra a privatização da COPEL fez parte de uma ampla campanha que alertou a população sobre a entrega da empresa estatal para a iniciativa privada. A campanha reunia sindicatos, DCEs, partidos, movimentos sociais, centros acadêmicos. Diversas atividades foram organizadas - audiências públicas, protestos, um plebiscito de iniciativa popular e a histórica ocupação da Assembleia Legislativa do Paraná. O movimento foi vitorioso e Jaime Lerner não conseguiu levar adiante seu projeto.

<sup>27</sup> Os dois acontecimentos ainda carecem de uma pesquisa acadêmica.

<sup>28</sup> A venda da Copel compunha uma série de acordos estabelecidos entre o governo federal e o FMI, em 2000 seus lucros chegavam a R\$ 430 milhões (Folha de S. Paulo, 16 de agosto de 2001).

<sup>29</sup> Para saber mais, ver: RAMPINELLI, Waldir José e OURIQUES, Nildo Domingos (org.). *No fio da navalha: críticas das reformas neoliberais de FHC*. São Paulo: Xamã, 1997. O livro reúne artigos de pesquisadores renomados e é um importante referencial sobre os reflexos do neoliberalismo no Brasil.

Experimentada essa “temporada” política, a pretensão de transformação completa e radical do mundo ganhou musculatura. Depois dessas experiências, a causa passou a ser maior. A conjuntura do período também ajudou, afinal, os anos de marasmo e apatia política tinham desaparecido do Brasil, as esquerdas estavam unificadas contra FHC e as políticas neoliberais.

Um deles, Marcos Camargo, tomou a primeira ação nessa direção. Animado com o crescimento das lutas no Brasil, Marcos ficou impressionado com o *Argentinazo*, a atração foi imediata<sup>30</sup>. O paranaense de Cascavel ficou tocado com o dinamismo da explosão que sacudiu a Argentina.

Aqui esboçamos a noção de “empatia ativista”, ela ajuda a explicar como uma revolta pode contagiar e atrair ativistas ou indivíduos. Esse movimento centrípeto agrupa um conjunto de características, sendo elas políticas, culturais, ideológicas e, sobretudo, emocionais. As emoções fazem com que os riscos e as adversidades se tornem menos ameaçadores, proporcionando coragem e iniciativa aos que foram influenciados. Tocados e sensibilizados, os indivíduos decidem externar sua solidariedade às causas que consideram justas e buscam obter aprendizado com os protestos.

Isso ajuda a entender o fascínio que as convulsões podem causar no conjunto da sociedade. Essa noção serve para explicar a atração de indivíduos que, de certa maneira, não compõe organismos partidários, os chamados independentes. Isso porque, nas forças orgânicas, principalmente os partidos internacionalistas, o envio de militantes já é uma praxe.

Na entrevista concedida, Marcos Camargo afirmou que sentiu “que aquela luta que estava acontecendo na Argentina, era parte, na verdade, de uma política continental, era o massacre do capital contra os povos<sup>31</sup>”. Mesmo que no movimento estudantil ele tivesse bebido de debates sobre a conjuntura internacional, Camargo ficou curioso em compreender o processo *in loco* e aproximar as lutas da Argentina com as do Brasil.

Obviamente, ele não foi o único, trabalhadores e estudantes estavam sensibilizados com o drama dos argentinos. A cada vitória dos nossos vizinhos, muitos brasileiros vibravam e torciam pela vitória popular. Na Argentina, o neoliberalismo havia sido mais nefasto,

---

<sup>30</sup> Em entrevista realizada com Marcos Camargo, um dos fundadores do CAS, ele nos disse que soube das primeiras notícias pela televisão. Para complementá-las, visualizava o site Argentina Centro de Medios Independiente. Segundo ele, nesse canal, as notícias eram menos distorcidas, comparadas com as veiculadas na grande imprensa (Entrevista concedida ao autor, novembro de 2014).

<sup>31</sup> ROBERTO DE CAMARGO, Marcos. *Entrevista com um dos fundadores do grupo político Construção ao Socialismo*. Florianópolis, 2014. Entrevista concedida ao autor em 23 nov. 2014.

porém, os brasileiros conheciam muito bem os males da doutrina de Friedrich von Hayek, Ludwig von Mises e Milton Friedman.

Como nos assegura James Petras, o neoliberalismo possuiu metas essenciais e a América Latina pode conhecê-las. Elas previam estabilização dos preços e das contas nacionais; privatização das indústrias e das empresas estatais; total liberalização do comércio e dos fluxos de capital; desregulamentação da iniciativa privada; por fim, austeridade fiscal, com cortes nos gastos públicos<sup>32</sup>.

No Brasil, Marcos Camargo estava engajado na greve das universidades<sup>33</sup> e na luta contra a privatização da COPEL, que ocorriam simultaneamente com o *Argentinazo*. Em dezembro de 2001, numa consciente decisão, o jovem decidiu viajar até a Argentina. O Ano de 2001 havia trazido grandes mudanças em sua vida, sua primeira filha nasceu, comemorou o aniversário de seu irmão<sup>34</sup> na ocupação da Assembleia Legislativa do Paraná<sup>35</sup> e viveu todo esse período imerso nas mobilizações.

Antes de partir, ele enviou e-mails para diversas organizações da esquerda argentina. No e-mail, Camargo pediu acolhimento, a opinião das organizações sobre o que estava ocorrendo na Argentina e se comprometeu em contribuir com as lutas. Três organizações responderam – a Asociación de las Madres de la Plaza de Mayo, o Movimiento de los Trabajadores Desocupados e a Convergencia Socialista. A CS garantiu um lugar para ele se alojar durante sua permanência no país.

A expansão do acesso à internet<sup>36</sup> pode ser visto como um marco importante na aproximação entre as pessoas. A força da instantaneidade da informação e da comunicação

---

<sup>32</sup> PETRAS, 1997: 28.

<sup>33</sup> A greve foi deflagrada no dia 17 de setembro de 2001 e terminou no dia 4 de março de 2002 (O Diário do Norte do Paraná, 5 de Março de 2002.

Para ver mais sobre a greve nas universidades, ver: Folha Online:

[http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/2001-greve\\_no\\_ensino-noticias.shtml](http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/2001-greve_no_ensino-noticias.shtml)

<sup>34</sup> Na ocasião, seu irmão, Edmilson Camargo, era militante do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU).

<sup>35</sup> O dia 15 de agosto de 2001 foi escolhido para a votação da privatização da COPEL. O governo Jaime Lerner havia colocado uma grade para isolar os milhares de manifestantes que estavam próximos da Assembleia Legislativa. Marcos Camargo foi um dos estudantes que começou a empurrar as grades até elas serem derrubadas. Num rápido confronto com a polícia, ele chegou a fraturar uma falange do pé. Dentro da Assembleia houve muita confusão, cerca de 800 manifestantes ocuparam o prédio. Um dos deputados chegou a ter um princípio de infarto e deputados favoráveis e contrários trocaram socos e pontapés.

<sup>36</sup> Em 1999, o Brasil contava com 2,5 milhões de internautas. Fonte: Anos 90: o desenvolvimento da internet no Brasil - <http://tecnologia.terra.com.br/internet10anos/interna/0,,OI541825-EI5026,00.html> (Acesso em 30 de outubro de 2014).

ajudou a irradiar esse tipo de notícia e possibilitou rápidos contatos. É o uso da tecnologia a serviço dos protestos<sup>37</sup>.

Marcos partiu para a Argentina no dia 31 de dezembro, foi pedindo caronas do Paraná até chegar a Buenos Aires no dia 2 de janeiro de 2002, a viagem durou 3 dias. Na bagagem levou pão, frutas, água, uma barraca, uma mochila e U\$12 dólares. Passou a virada “sozinho, feliz e ouvindo os fogos<sup>38</sup>” à beira de uma *ruta* argentina, onde havia instalado a sua moradia ambulante, uma pequena barraca. Para se alimentar foi pedindo comida para as pessoas que encontrava durante a viagem, comemorou a virada com um panetone que ganhou de uma família<sup>39</sup>.

Ao chegar a Buenos Aires, Camargo foi recebido por Guillermo e Glenda na *Plaza de la Constitución*<sup>40</sup>. Camargo chegou após as jornadas, mas pôde acompanhar outras grandes manifestações, o processo político permanecia quente.

Numa das atividades, o jovem decidiu realizar uma intervenção de solidariedade, afirmando o apoio do Brasil à causa Argentina. Ele começou afirmando que toda a América Latina apoiava essa causa. Para encerrar sua fala, fez uso de uma metáfora que inflamou os que estavam presentes, ao se referir a *Casa Rosada*, chamou-a de *Casa Robada*.

Marcos Camargo retornou novamente em 2002, juntamente com Durval Wanderbrook Júnior, ampliando o contato e o relacionamento com a CS. Depois disso, Orivaldo Sales Filho trancou a sua vaga no curso de Psicologia na UEM e foi para a Argentina fazer parte da vida política da CS, participando de suas atividades. Outros militantes brasileiros fariam o mesmo, realizando “intercâmbios militantes.” Para o Brasil, diversos dirigentes e militantes da CS vieram ajudar na consolidação do CAS<sup>41</sup>.

---

<sup>37</sup> Uma década depois, as redes sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, e as mensagens de celular, foram utilizadas na convocação e organização de manifestações. No conjunto de protestos que compuseram a chamada “Primavera Árabe” (ocorridos em Burkina-Fasso, Uganda, Mauritânia, Gabão, Tunísia, Nigéria, entre outros países), esses mecanismos foram utilizados. Em 2011, nas eleições de Uganda, a Comissão de Comunicações Ugandesa ordenou que as operadoras de telefonia celular interceptassem e proibissem mensagens SMS que contivessem palavras como “Egipto,” “Tunísia,” “Mubarak,” “ditador,” “Poder do Povo” etc (Relatório Especial do CEEA (Centro de Estudos Estratégicos de África). *África e a Primavera Árabe: Uma Nova Era de Expectativas Democráticas*, Novembro de 2011, p.9)

<sup>38</sup> Trecho da entrevista concedida ao autor, novembro de 2014.

<sup>39</sup> A essa experiência realizada por Marcos Camargo, temos chamado de “mochilão político”, outras pessoas já protagonizaram esse tipo de viagem, com o interesse de conhecerem processos políticos ou mesmo levarem solidariedade.

<sup>40</sup> Durante os 15 dias que permaneceu na Argentina, como relatou na entrevista, Marcos ficou hospedado nas casas de militantes da CS.

<sup>41</sup> Orivaldo Sales foi o primeiro a permanecer por mais tempo no país, obtendo experiência e uma visão mais ampliada sobre a prática militante da CS. Fabian Naistat foi o argentino que ficou um longo período em Maringá para auxiliar o CAS na construção cotidiana. Infelizmente não podemos

Alejandro Portes (2004: 74) apontou duas características da noção de transnacionalismo para explicar esse tipo de traslado político. Para o autor, uma das características do transnacionalismo é que ele “representa uma perspectiva nova, não um novo fenômeno”, quer dizer, desde sempre há circulação transnacional, mas ultimamente, com o impulso na área dos transportes e das telecomunicações, houve uma facilitação da comunicação que trasbordou as fronteiras nacionais, diminuindo assim as distâncias comunicacionais. A troca de e-mails entre Marcos Camargo e a direção da CS e a divulgação de notícias por meio da TV e da Internet são exemplos dessas novas características do transnacionalismo e ajudaram a fortalecer os vínculos.

A outra característica é que “o transnacionalismo é um fenômeno popular de base”, isso significa que ele transcorre não apenas nas negociações das multinacionais, dos governos, mas por meio de movimentos não-governamentais, grupos pelos direitos humanos, ambientais, em prol de causas globais, proliferando as redes transfronteiriças. O que motivou a ida de ativistas do movimento estudantil à Argentina foi a luta contra o neoliberalismo, fenômeno presente no Brasil e na Argentina simultaneamente (PORTES, 2004: 75). Esses brasileiros e argentinos consolidaram uma rede transnacional a partir da insurreição argentina de 2001.

### **A fundação do CAS**

A CS provinha de uma das “árvores genealógicas” do trotskismo, o morenismo. A corrente leva o nome de um dos seus principais dirigentes, o argentino Nahuel Moreno, dirigente político que exerceu papel destacado na história do trotskismo<sup>42</sup>. Em 1944, Moreno ajudou a criar o Grupo Obrero Marxista (GOM), uma embrionária corrente trotskista da Argentina. Ao longo de sua vida, Moreno participou da fundação e do impulsionamento de outras organizações políticas.

Na década de 1940, preocupados com a marginalidade do trotskismo, Moreno e seus camaradas buscaram se aproximar dos cordões industriais e dos setores mais explorados do país. Os militantes do GOM reclamavam que o trotskismo argentino estava

---

desenvolver essas questões, pois esse não é o objetivo do trabalho, deixaremos essa temática para textos futuros. Essas informações foram extraídas durante a entrevista com Marcos Camargo.

<sup>42</sup> Para saber mais sobre as correntes trotskistas, ver: ROJAS, Gonzalo Adrián. *Os socialistas na Argentina (1880-1980): Um século de ação política*. 2006. 476 p. Tese (Doutorado em Ciência Política), Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

limitado às incansáveis discussões em bares e cafés portenhos. Para quebrarem essa lógica, decidiram orientar a política do grupo para a classe operária<sup>43</sup>.

Na década de 1980, Moreno impulsionou o Movimiento al Socialismo (MAS), que posteriormente passaria por uma ruptura política. Da diáspora, Gonzalo Adrián Rojas nos diz que mais de 10 organizações foram criadas, sendo que algumas delas continuaram reivindicando o arsenal teórico de Moreno<sup>44</sup>. A Convergencia Socialista foi um dos grupos que manteve lealdade ao morenismo<sup>45</sup>.

A CS reunia em suas fileiras alguns dirigentes e militantes que haviam feito parte do MAS, com destaque para Horácio Lagar, histórico dirigente trotskista e um dos fundadores do GOM. Foi para esse universo que os jovens de Maringá foram atraídos, a origem do CAS está nessa “árvore genealógica”.

O grupo CS era uma sessão simpatizante da LIT-QI<sup>46</sup>, sendo que a Frente Obrera Socialista (FOS) possuía a credencial de seção oficial na Argentina. No Brasil, o PSTU era a seção oficial da LIT-QI. Segundo Camargo, a CS fez questão de deixar isso claro e buscou manter lealdade à sua condição de simpatizante da LIT. Por isso, inicialmente a CS procurou não interferir num tema que caberia ao PSTU resolver, já que os jovens eram brasileiros<sup>47</sup>.

A CS reconheceu que Marcos Camargo fazia parte de um importante grupo de ativistas do sul do Brasil e que seria positiva essa aproximação. Segundo ele, em sua temporada na Argentina, a CS foi a força política que deu mais atenção à sua presença<sup>48</sup>. Ademais, ele e os demais jovens que criaram o CAS possuíam proximidade e simpatia com as correntes trotskistas<sup>49</sup>, isso teria influenciado e facilitado a aproximação. Quanto aos

---

<sup>43</sup> HERNÁNDEZ, Martín. *Nahuel Moreno: vinte anos depois da sua morte, algumas reflexões sobre o “morenismo.”* In: *Marxismo Vivo: Revista de teoria e política internacional*, ano 2007, p.13.

<sup>44</sup> Moreno ajudou a construir diversas organizações: Partido Obrero Revolucionario (POR), Partido Socialista de la Revolución (PSRN), Palavra Obrera (PAL.OB), Partido Revolucionário dos Trabalhadores (PRT), Frente Revolucionaria Indoamericana Popular (FRIP), La Verdad (PRT-LV), Partido Socialista de los Trabajadores (PST) e Movimiento al Socialismo (MAS). Fonte: ROJAS, 2006, p.172.

<sup>45</sup> ROJAS, 2006: 173.

<sup>46</sup> Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional, tendo Nahuel Moreno como um de seus principais dirigentes e impulsionadores. A LIT-QI permanece organizada até o presente, reunindo partidos de todo o mundo no seio da organização. Seu principal eixo continua sendo a reconstrução da IV Internacional e a construção de partidos revolucionários.

<sup>47</sup> Durante o *Argentinazo*, CS passou a ter divergências partidárias e programáticas com a LIT, principalmente nas saídas apresentadas para a crise de dezembro. Em 2002 a CS foi desligada da LIT. Esse é um longo e interessante debate, infelizmente não temos espaço para continuá-lo aqui.

<sup>48</sup> Cabe destacar que a CS ganhou muito respeito do conjunto de jovens de Maringá, pois seus militantes participaram ativamente de todos os protestos do *Argentinazo*. Outro fator que contribuiu para o fortalecimento das relações de confiança foi o constante acompanhamento dado por parte da CS para a consolidação do CAS.

<sup>49</sup> Eles estavam próximos do PSTU e do Trabalho, corrente interna do PT.

---

encaminhamentos, Camargo e a CS fizeram apenas uma declaração verbal sinalizando a importância de estreitar os laços entre Buenos Aires e Maringá<sup>50</sup>.

A decisão de fundação do CAS ocorreu no Brasil, especificamente no I Encontro de Jovens da Cidade e do Campo, um evento organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). O Encontro foi realizado na cidade de Londrina, Paraná, entre os dias 30 de agosto e 1 de setembro de 2002. Vários ativistas do movimento estudantil estavam presentes, boa parte deles de Maringá. Um grupo de membros do CS veio para participar do evento, Horácio Lagar proferiu uma palestra durante o evento.

A criação de um núcleo de militantes no Brasil partiu da CS. Durante o Encontro eles realizaram uma reunião com vários ativistas independentes e decidiram formar o CAS. A proposta da CS foi ao encontro do interesse desses jovens, já que eles não se sentiam representados nem no PSTU nem no PT.

Na sequência, produziram um manifesto com os princípios e estratégias que pretendiam nortear o trabalho do núcleo<sup>51</sup>. No CAS, segundo eles, estavam reunidos “os companheiros e companheiras mais conscientes, combativos e responsáveis<sup>52</sup>.”

Na categoria de “grupo embrionário”, evocavam a necessidade de construir de forma independente um partido revolucionário para representar a classe trabalhadora. Quanto aos inimigos, listaram “os partidos burgueses, oportunistas e capengas da pequena-burguesia e as burocracias sindicais<sup>53</sup>.”

Na declaração, reconheciam a falência do modelo capitalista, defendendo a construção do socialismo em escala internacional, negando qualquer possibilidade de reforma do capitalismo:

Os objetivos deste partido revolucionário dos trabalhadores não é o de reformar o sistema capitalista, tal como proporia o social-democrata, mas o de suplantá-lo por outro onde reine a igualdade social, a liberdade e o respeito às diferenças, suprimindo todo vestígio de opressão de uma classe por outra, tanto no Brasil, como em qualquer parte do mundo (Declaração

---

<sup>50</sup> Como Camargo não estava falando em nome dos outros jovens de Maringá, esse foi o único passo que ele pode dar.

<sup>51</sup> O manifesto fundacional foi assinado por: Ana Pagamunci (centro acadêmico de Psicologia), Diego Dias (estudante de economia), Durval Wanderbroock Júnior (CA de Psicologia), Elizandra Garcia da Silva (CA de Educação Física), Marcelo Locatelli Barbato (Federação de Estudantes de Agronomia do Brasil-FEAB), Marcos Roberto de Camargo (estudante de psicologia e professor de espanhol), Maria Antonieta Granzotto (estudante de educação física), Maycon Rotta (estudante de história), Orivaldo Ferreira de Sales Filho (estudante de psicologia), Pierre Alerrandro Gomes Fernandez (CA de psicologia), Vanessa Farias (FEAB). Todos estudantes da UEM.

<sup>52</sup> Declaração de princípios pela construção de um partido revolucionário dos trabalhadores, Maringá, 14 de Setembro de 2002.

<sup>53</sup> Declaração de princípios pela construção de um partido revolucionário dos trabalhadores, Maringá, 14 de Setembro de 2002.

de princípios pela construção de um partido revolucionário dos trabalhadores, Maringá, 14 de Setembro de 2002).

Em abril de 2003, o CAS lançou o primeiro número de seu jornal, chamado *O Que Fazer*. O título era um tributo a um dos livros de Lênin, o órgão pretendia fornecer respostas políticas para os dilemas da classe trabalhadora<sup>54</sup>. No editorial do primeiro jornal a organização reconheceu o papel dos argentinos na fundação do CAS:

Com a ajuda de nossos irmãos argentinos do Convergencia Socialista (CS), pudemos entender o que significava construir um núcleo revolucionário e uma prática internacionalista. Nos tornamos, assim, revolucionários trotskistas e passamos a reivindicar o internacionalismo socialista como nossa mais importante orientação política (*O Que Fazer*, Ano 1, nº1, abril de 2003).

Durante sua história, o CAS procurou ser uma alternativa política de esquerda e de oposição ao governo federal do PT, ao governo municipal do prefeito Silvio Barros (PP) e ao governador Roberto Requião (PMDB). Com o núcleo constituído, CAS e CS lançaram uma frente reunindo outras organizações que tinham como propósito a construção da revolução socialista. Por meio da revista *Convergência Internacional*<sup>55</sup>, apresentaram as análises, ideias e perspectivas desses grupos.

O primeiro número da Revista foi dedicado aos problemas vividos na América Latina, partindo do reconhecimento de que a situação na Argentina, na Venezuela, na Bolívia, na Colômbia e no Brasil carecia de uma saída política:

[...] o CAS em conjunto com a Convergencia Socialista, da Argentina, se lançaram na tentativa de inaugurar um debate sério e honesto com a vanguarda revolucionária, os jovens, os trabalhadores para buscarmos saídas com destino à revolução socialista (*O Que Fazer*, Ano I, nº3, Outubro de 2003).

A revista também buscou materializar os objetivos do Comitê de Aproximação Internacional (CAI). O CAI foi uma “mesa de trabalho” que pretendeu discutir e elaborar política, teoria, construindo um programa em comum entre os grupos envolvidos, ampliando a rede transnacional, incluindo outros países, além de uma organização brasileira. O projeto reuniu o CAS, o Centro de Estudos e Debates (CEDS), de Porto Alegre, o Lefty Party (EUA), a CS (Argentina) e o Socialist Alternative (Canadá). A proposta do comitê era unificar as lutas e os revolucionários.

---

<sup>54</sup> *O Que Fazer*, órgão de imprensa partidária de Construção ao Socialismo, Ano 1, nº1, abril de 2003.

<sup>55</sup> *Convergencia Internacional*: América Latina diante de uma encruzilhada: demagogia populista ou alternativa socialista. Nº1, Setembro de 2003.



A partir de junho de 2007, o CAS passou a compor, juntamente com o PSTU, um Comitê de Enlace que estava discutindo a possibilidade de ingresso do CAS no PSTU. As organizações realizaram diversas atividades unitárias e estavam se aproximando cada vez mais. Destacaram-se as experiências em conjunto no movimento sindical e estudantil, a unidade nas eleições estaduais e nacionais. No decorrer da unidade, as posições políticas e programáticas se tornaram cada vez mais sintonizadas. Enquanto isso, os laços entre Brasil e Argentina já estavam fragilizados e distanciados<sup>56</sup>.

Findada a experiência, em seu primeiro congresso, realizado em novembro de 2007, os militantes do CAS aprovaram uma resolução que defendeu o ingresso no PSTU:

a bandeira do CAS, até então estendida atrás da mesa do Congresso foi retirada e cuidadosamente dobrada para fazer parte da história da construção do partido revolucionário no Brasil. No lugar dela, uma enorme bandeira do PSTU foi erguida (Construção ao Socialismo (CAS) ingressa no PSTU, 21 de Novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/node/7251>> Acesso em: 15 Out. 2014.

Na resolução aprovada pelos delegados do Congresso, o CAS foi dissolvido e aprovou-se o ingresso de seus militantes na LIT/PSTU, acatando o programa, os estatutos e a estrutura organizativa dessas organizações. Concluída a aprovação da resolução, os militantes cantaram a Internacional Socialista, portando broches e camisetas da LIT e do PSTU<sup>57</sup>.

A formação do CAS é resultado direto de um intercâmbio político que superou as fronteiras entre Argentina e Brasil, selando laços transnacionais fundamentais para a existência e para a manutenção de um projeto político. Apesar do desenlace, a experiência de cinco anos pode ser entendida como um vetor no campo do transnacionalismo político.

## FONTES

CAS. *O Que Fazer, órgão de imprensa partidária de Construção ao Socialismo*, abril de 2003.

CAS. *Revista Convergencia Internacional*.

CAS. *Declaração de princípios pela construção de um partido revolucionário dos trabalhadores*, Maringá, 14 de Setembro de 2002.

Folha de S. Paulo

---

<sup>56</sup> Em 2005, um grupo de militantes foi expulso da CS, incluindo Horácio Lagar. Esse grupo decidiu formar o Opinião Socialista (OS), o CAS optou por continuar relações com o OS.

<sup>57</sup> Construção ao Socialismo (CAS) ingressa no PSTU, 21 de Novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.pstu.org.br/node/7251>> Acesso em: 15 Out. 2014.

Página 12

O Diário do Norte do Paraná

## ENTREVISTAS

ROBERTO DE CAMARGO, Marcos. *Entrevista com um dos fundadores do grupo político Construção ao Socialismo*. Florianópolis, 2014. Entrevista concedida a Tiago João José Alves em 23 nov. 2014.

## REFERÊNCIAS

ANASTASIA, Fátima; MELO, Carlos Ranulfo; SANTOS, Fabiano Guilherme Mendes. *Governabilidade e representação política na América do Sul*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BERTONHA, João Fábio. Anarquistas italianos nas Américas: a luta contra o fascismo entre o Velho e o Novo Mundo (1922-1945). *História Social*, n.22 e 23, p.269, primeiro e segundo semestres de 2012.

ECHEVERRÍA, Bolívar. *Vuelta de Siglo*. México: Ediciones Era, 2006.

HERNÁNDEZ, Martín. Nahuel Moreno: vinte anos depois da sua morte, algumas reflexões sobre o “morenismo.” In: *Marxismo Vivo: Revista de teoria e política internacional*, p.13, 2007.

ÓZAI DA SILVA, Antônio. Esboço para a história da esquerda no Brasil. *Espaço Plural*, ano x, nº20, p.155-164, 1º Semestre 2009.

PETRAS, James. Liberalismo e Neoliberalismo. In: RAMPINELLI, Waldir José e OURIQUES, Nildo Domingos (org.). *No fio da navalha: críticas das reformas neoliberais de FHC*. São Paulo: Xamã, 1997.

PORTES, Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 69, p.73-93, Outubro 2004.

RAPOPORT, Mario. A Crise Argentina e as Lições do Passado. In: FORTES, Alexandre (Org.). *História e perspectivas da Esquerda*. São Paulo/Chapecó: Editora Fundação Perseu Abramo/ Argos, 2005.

REIS FILHO, Daniel. As esquerdas no Brasil: culturas políticas e tradições. In: FORTES, Alexandre (Org.). *História e perspectivas da Esquerda*. São Paulo/Chapecó: Editora Fundação Perseu Abramo/ Argos, 2005.

RÉMOND, René (org.). *Por uma História Política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

ROJAS, Gonzalo Adrián. Os socialistas na Argentina (1880-1980): Um século de ação política. 2006. 476 p. Tese (Doutorado em Ciência Política), Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

Recebido: 06/08/2015

Aprovado: 13/12/2015